

VISÃO DO CORREIO

Nas férias, o alerta que vem das estradas

Com o fim das férias escolares de julho se aproximando, milhares de famílias em todo o país se preparam para enfrentar estradas cheias na volta para casa. Encontrarão muitas dessas rodovias em condições de manutenção ruins ou péssimas — não apenas em segmentos mantidos diretamente pelos impostos pagos pelos contribuintes brasileiros, mas inclusive em alguns trechos pedagiados, nos quais os prazos e exigências do poder concedente para obras e reparos parecem muito mais tolerantes do que gostaríamos os motoristas.

Antes de pegar a estrada, vale conferir alguns dados sobre a qualidade dos caminhos que estão pela frente, além de atentar para recomendações em relação à atitude dos condutores e às condições dos veículos. Em relação ao primeiro item, Pesquisa CNT de Rodovias 2024, da Confederação Nacional do Transporte, revela dados preocupantes: 67% dos 111.853 quilômetros da malha pavimentada avaliados no país estão em condição regular, ruim ou péssima.

Por esses caminhos muitas vezes esburacados e de traçado questionável, o pavimento é o principal problema, com 56,9% da extensão analisada pela CNT apresentando falhas. A sinalização é igualmente deficiente em 64,1% dos trechos sob avaliação, enquanto 65,2% têm geometria deficiente. Pontes e viadutos frequentemente não dispõem de acostamentos (em 73,4% dos percursos), proteção de cabeceira (em 34,3%) ou proteção lateral (em 10,9%).

Nacionalmente, em um país com cerca de 5.500 municípios, foram identificados nada menos que 2.446 pontos críticos, muitos deles em áreas urbanas, sendo a maioria (71,5%) grandes buracos. Diante desse cenário, a CNT sugere a ampliação de investimentos públicos e a atração de capital privado para manutenção correta que seja capaz de eliminar os pontos críticos. Propõe, ainda, a reconstrução de 446 quilômetros de rodovias destruídas, de forma a proporcionar um sistema de transporte rodoviário mais seguro, eficiente e sustentável.

Em relação ao capital privado, vale acrescentar que não basta conceder rodovias, terceirizando obras estruturantes e de manutenção e impondo tarifas de pedágio que para grande parte dos usuários parecem mais caras do que o razoável. É preciso estabelecer contratos com exigências justas, prazos compatíveis com a urgência das intervenções e penalidades capazes de desestimular o descumprimento. Estabelecidos esses critérios, tarefa tão importante quanto, por parte do poder público, é fiscalizar e exigir de maneira inflexível seu cumprimento.

Usuários de rodovias privatizadas país afora estão fartos de assistir à agilidade para erguer suntuosas praças de pedágio — que não raro trabalham com menos operadores do que o necessário, provocando filas imensas em épocas de maior movimento, como o fim das férias — enquanto as obras e serviços que deveriam vir em contrapartida parecem seguir ritmo bem diferente. Sem falar nos saltos de tarifas, que com frequência não são acompanhados de mudanças perceptíveis e proporcionais na qualidade das estradas concedidas.

Enquanto espera rodovias compatíveis com os impostos que paga e com os pedágios que tem de desembolsar, resta ao motorista seguir recomendações que lhe cabem para uma volta de férias mais segura. Especialmente para viagens em períodos de mais movimento, como o fim de julho, a Polícia Rodoviária Federal orienta medidas como planejar o trajeto com antecedência e fazer a revisão completa do veículo. É essencial checar o funcionamento de itens obrigatórios, além de conferir toda a documentação do carro e do condutor.

Além de obedecer à legislação de trânsito, respeitando limites de velocidade, é aconselhável ainda levar água potável, alimentos práticos e frutas para enfrentar possíveis imprevistos na viagem, como congestionamentos ou bloqueios de pistas — muito comuns em épocas de maior movimento e em estradas que estão a quilômetros de oferecer uma jornada sem surpresas.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti@gmail.com

A saudade que se guarda

Com a morte de Preta Gil, nos vimos diante de uma das contradições mais dolorosas: a luta para reter alguém ao nosso lado enquanto a vida — ou a morte — susurra que é hora de soltar as mãos.

Preta enfrentou a mais terrível das doenças como viveu os seus intensos 50 anos — com fé, com alegria, com o peito aberto para o amor. A coragem, tão explícita nos palcos e nas entrevistas, transbordou também nos corredores de hospitais, nos silêncios de exames, na esperança que não se rende mesmo quando o corpo se fragiliza. Deixa a lição do que é segurar uma pessoa pela mão com toda a força que o coração tem — e, ao mesmo tempo, aprender que amar também é respirar fundo e abrir os dedos devagar.

É instintivo insistir na presença física de quem amamos. Mas a vida não se curva ao desejo de quem fica. Desprender-se é um ato tão duro quanto essencial. Ao libertar quem sofre do peso da nossa necessidade, aceitamos que o corpo não é o único modo de um afeto existir. Na ausência, a presença se espalha na memória e na força que aprendemos com quem partiu.

Há grandeza, também, em dizer: “Vai em paz” — ainda que o peito doa. Cada partida nos obriga a revisitar o amor: não mais posse, mas gratidão; não mais controle, mas rendição; não mais urgência, mas permanência silenciosa. Em tempos em que se cobra presença a qualquer

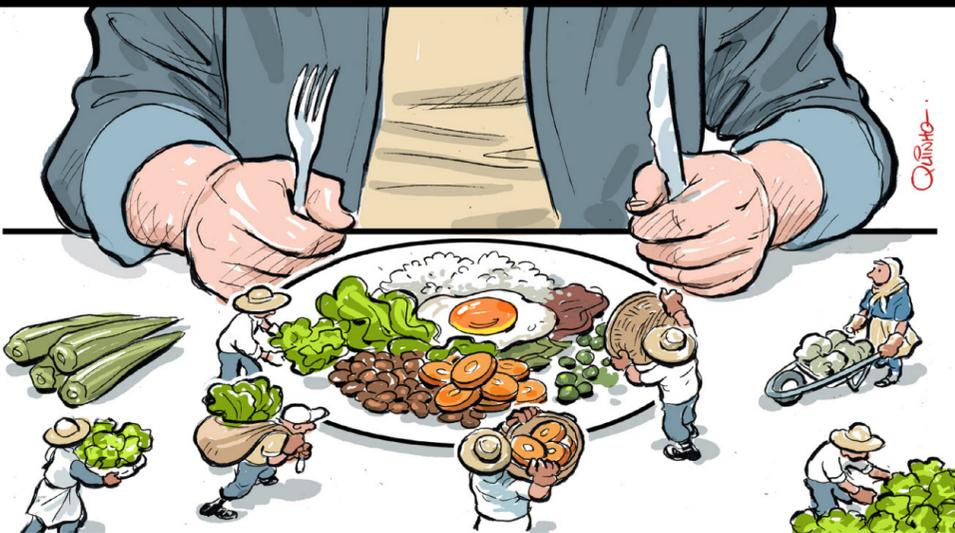
custo — física, on-line, constante —, talvez a partida de Preta Gil nos lembre que o que nos sustenta não é o corpo que se toca, mas o laço que se constrói. E esse laço, mesmo a morte não desfaz.

E há o legado. O que Preta Gil nos deixa vai além dos holofotes. Sua voz foi também uma bandeira erguida contra preconceitos, uma celebração do corpo livre, da sexualidade vivida sem vergonha, do direito de ser quem se é. A figura preta, gorda, bissexual e livre foi farol: mostrou que a alegria também é política, que o riso também desafia normas, que a vulnerabilidade não é fraqueza, mas força exposta sem medo.

Esse legado não cabe em manchetes e artigos nem se limita a baladas LGBT-QIAPN+ ou blocos de Carnaval. Mora no estímulo que deu a tantas pessoas para se amarem como são, para ocuparem espaços, para afirmarem seus desejos. E mora no exemplo final de coragem diante da doença: uma mulher que não se rendeu ao silêncio, mas seguiu celebrando a vida enquanto tinha fôlego. Esse rastro de afeto e alegria não morre. Ele segue, de um jeito ou de outro, em cada pessoa que um dia se sentiu mais viva porque viu Preta Gil — filha, mãe, avó, amiga, ícone pop — cantar, falar ou simplesmente existir.

É hora de deixar Preta Gil ir, e ficar com a sua lição.

DIA DO AGRICULTOR



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Brasil rural

O Brasil se transforma. Passa de um país estritamente rural para um país urbano. Embora essa tendência se inverta nos dias atuais. Há algum retorno da população urbana para o meio rural. A história mostra que houve transformação. Desde as capitâneas hereditárias, quando havia verdadeiros latifúndios, houve uma subdivisão da terra em menores propriedades. Tanto na produção agrícola, como na industrial, houve avanço no progresso da agricultura, como da indústria. Tanto as agriculturas de grande porte, como as de médio e pequeno porte, desenvolveram-se extraordinariamente. Entre elas, se sobressai a agricultura familiar, tão ignorada e de pequeno impacto ambiental. A ciência e a tecnologia foram importantes, trouxeram vantagens na economia, tornando o país autossuficiente em vários produtos. O Brasil de importador passou para exportador, tornando-se um país superavitário.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Líderes

O ex-presidente Bolsonaro ainda tem muito o que aprender em como ser um bom político. Mesmo com esses anos todos na política, não aprendeu nada com os grandes figurões da política brasileira. Continua arrogante e falastrão, e esse seu jeito só vai apressar a sua prisão. Seria bom que ele tomasse umas aulas com o ex-presidente Michel Temer e com o próprio Lula, para aprender como se tornar um bom líder. Só conhecemos um político brasileiro que foi arrogante com os seus oponentes, mas bom estrategista em suas conduções políticas: o ex-senador Antônio Carlos Magalhães. Esse, sim, sempre se saiu bem nos enfrentamentos com os seus opositores políticos.

» **Evanildo Sales Santos**
Gama

Guerra e paz

Absurdamente, a guerra, além de custosa em vidas, movimenta cifras bilionárias. Da *Iliada* à chamada guerra ao terror do século 21, o exercício bélico tem se sustentado por uma lógica distorcida entre fins e meios, promovendo a disseminação de armamentos — das armas de fogo às bombas de

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Autoridades militares e civis, vossas decisões e atitudes estão adoecendo o povo deste país.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Morango do amor. Bananinha do ódio.

Franci Carlos Diniz — Asa Norte

Trânsito mata mais do que arma de trânsito. É bom os agentes de trânsito largarem os celulares na hora do trabalho e as blitzes, de fato, cumprirem o seu papel!

Paulo Silva — Asa Norte

Distritais propõem homenagem a diplomatas norte-americanos em meio à crise do tarifaço. Ainda bem que não temos problemas aqui no DF a ponto dos distritais terem tempo de sobra para perder tempo com esse tipo de coisa. Só podemos agradecer por viver em um lugar assim!

Franco Nishiguti — Brasília

No “cenário desafiador” que leva à não compra de livros didáticos, de quais as regalias que o Executivo, o Legislativo e o Judiciário vão abrir mão para todos passarem juntos por este momento?

Alexandre Oliveira — Santa Catarina

destruição em massa. A ironia da guerra se revela para vencedores e vencidos. A representação escrita de conflitos armados mostra que o vencedor final é sempre a guerra — e o derrotado é sempre o homem. Segundo o príncipe Andrei Bolkóvski, um dos principais personagens do livro *Guerra e Paz* (1867), de Liev Tolstói (1828-1910): “A guerra não é ser gentil com os outros, é a coisa mais vil da vida humana, e devemos entender isso e não brincar de guerra. Sem mais mentiras, guerra significa guerra, e não é um brinquedo. A meta da guerra é assassinar, as armas de guerra são espionagem, traição e o fomento de mais traição, a destruição de pessoas, saquear sua propriedade e roubá-las para manter o exército na estrada, falsidade e fraude”.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

Listas

O filme *A Lista de Schindler*, de forma resumida, conta a história de um milionário alemão que, em plena Segunda Guerra Mundial, salvou milhares de judeus da morte. Agora, desgraçadamente, temos a Lista de Epstein, onde constam nomes proeminentes da elite estadunidense envolvidos em pedofilia. Jeffrey Epstein, milionário norte-americano, morto em 2019, dono de uma ilha, promovia, junto dessa “elite”, orgias com meninas menores de idade. Na Lista de Schindler, estar incluído era a única esperança de sobreviver; na Lista de Epstein, estar fora é a única chance de se salvar.

» **Marcus Aurelio de Carvalho Santos** (SP)

SAFs

As fórmulas das SAFs (Sociedade Anônima do Futebol) estão longe de seus objetivos de criação. Implementadas para salvar os times de futebol das dívidas aderidas desde as épocas em que se vendiam jogadores brasileiros aos burbúlhões, o resultado é certo e óbvio demais para quem gasta mais do que arrecada. Mudou-se o modelo de gestão, mas os ingredientes permanecem os mesmos. Desanda um pouco mais, quando se tem, como o cenário atual, vendas escassas misturadas àquelas pitadas de paixão, muita paixão. Creio que os sofridos torcedores já ouviram dizer que uma receita de bolo costuma não ser um bolo: o caldo continua entornando para grandes clubes de futebol Brasil a fora.

» **Fábio Moreira da Silva**
Belo Horizonte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

| Localidade | SEG/SÁB | DOM |
|------------|----------|----------|
| DF/GO | R\$ 5,00 | R\$ 7,00 |

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreiteira terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br